

# A Técnica no mundo da vida contemporânea: interpelações pela experiência humana

*Technology in actual world of life: interpellations through human experience*

**Jurema Barros Dantas, José Alves de Souza Filho**

## Resumo

Em tempos de grande fascínio tecnológico, vivemos uma sociedade contemporânea pautada pelo desejo de dominação, controle e racionalização do mundo e da vida humana. Desejo que atravessa os modos de ser e estar na atualidade. Este panorama nos leva, no presente estudo, a apontar o modo de desvelamento da sociedade contemporânea – a ilusória necessidade de controle absoluto sobre a vida. Com base no pensamento fenomenológico de Martin Heidegger, sobre a Técnica, e de Edmund Husserl, sobre o Mundo da Vida, apresentamos reflexões sobre o panorama atual de nossa cultura capitalista e suas implicações nas condições existenciais da contemporaneidade.

## Palavras-chave

Técnica, Mundo da Vida, Contemporaneidade.

## Abstract

*In times of great technological fascination, we live in a contemporary society based by the desire of domination, control and rationalization of the word and the human life. The Desire that meddles the way of live nowadays. This situation leads us, on the present essay, to point out this current situation in contemporary society – the necessity of absolute control over life. Based on the phenomenological thought of Martin Heidegger, about technique, and Edmund Husserl's, about the world of life, we present reflections about the current panorama of our capitalist culture and its implications on the contemporary existential conditions.*

## Keywords

*Technique, Word of Life, Contemporaneity.*

## Jurema Barros Dantas Universidade Federal do Ceará

Doutora em Psicologia Social (UERJ), mestra em Psicologia Clínica (UFF) e graduada em Psicologia (UFF). Professora adjunta do departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará. Professora Adjunta do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Coordenadora do Laboratório de Estudos em Psicoterapia, Fenomenologia e Sociedade (LAPFES/UFC). Professora Permanente do Mestrado Profissional em Saúde da Família (MPSF/RENASF).

[juremabdantas@gmail.com](mailto:juremabdantas@gmail.com)

## José Alves de Souza Filho

### Universidade Federal do Ceará

Doutorando, Mestre e Graduado em Psicologia pela Universidade Ceará (Bolsista CAPES). Especialista em Psicopedagogia Institucional pela Universidade Cruzeiro do Sul. Pesquisador do PARALAXE: Grupo Interdisciplinar de Estudos, Pesquisas e Intervenções em Psicologia Social Crítica. Colaborador do Laboratório de Psicologia em Subjetividade e Sociedade.

[josefilhoss@gmail.com](mailto:josefilhoss@gmail.com)

O capitalismo globalizado investe como nunca na subjetividade, e as novas tecnologias que invadem o cotidiano produzem novas conexões e novos territórios existenciais, promovendo importantes mutações no nosso universo de referências (AGUIAR, 2004, p. 151).

## Introdução

Inicialmente, torna-se mister destacar o quanto nosso horizonte histórico encontra-se atravessado por significativos enlaces com a ciência e tecnologia (DANTAS, 2014). Atravessados por questões sociais, políticas ou econômicas parece haver uma incessante convocação para a racionalidade, objetividade e, até mesmo, certo controle sobre a vida e o devir. A tentativa de compreender racionalmente o mundo e a nós mesmos parece oferecer uma maior possibilidade de moldar a história segundo nosso propósito, sempre presente, de controlar o futuro. Segundo Giddens (1991), estaríamos frente a uma sociedade que almeja uma excessiva estabilidade e previsibilidade, na qual nós seríamos minúsculas peças de maquinaria social e econômica. Queremos uma vida segura para a qual a ciência e tecnologia estão inevitavelmente envolvidas em nossas tentativas de fazer face aos riscos inerentes do existir humano.

Isso mostra que cada época é dominada por uma (com) ciência de mundo, cuja resultante é uma consciência de verdade, uma concepção de verdade que se transmuta ao longo da história. A partir do século XX, com o avanço acelerado e intermitente das novas tecnologias, assistimos a um mundo construído sobre as bases ilusórias das promessas científicas, ou melhor, das supostas verdades científicas. Verdades que, numa velocidade espantosa, vêm passando a interferir diretamente em comportamentos e modos de vida na atualidade.

Seria um desafio para o saber/fazer de diferentes campos do conhecimento no contexto contemporâneo a possibilidade de conciliar as questões da ciência, com todos os seus desafios e possibilidades, com a fragilidade e inseparabilidade próprios à existência humana. O mundo da ciência e suas tecnologias não apenas distanciou-se do mundo-da-vida, mas, sobretudo, parece que esqueceu-se dele. Um esquecimento trágico, pois o mundo expresso no modelo científico é um mundo em pedaços especializados, ou melhor, é um empobrecimento da realidade rica do mundo vivido. Por acepções da fenomenologia, o presente ensaio pretende promover reflexões sobre essa racionalidade científica característica da era da técnica e o necessário caminho de volta ao mundo-da-vida.

## Sobre a permeabilidade tecnológica na vida cotidiana

Martin Heidegger (2001) e Edmund Husserl (2008) são filósofos fundamentais para nossa discussão. Heidegger com sua contribuição sobre a essência da técnica moderna enquanto um modo histórico de produção de verdade, que se impõe como horizonte de sentido para o mundo contemporâneo e Husserl (2001 e 2008), por suas colocações sobre a crise de que nossa humanidade padece pelo instrumentalismo prático da vida promovido pelas ciências.

Heidegger (2001) afirma que a tradição metafísica do ocidente, que culminou na ciência moderna, é o modo de desvelamento histórico que predomina no mundo em que vivemos. “Não se trata de um projeto voluntariamente elaborado e escolhido pelo sujeito, mas, antes, de uma identificação histórica na qual estamos inevitavelmente imersos” (SÁ, 2002, p. 3). Essa imersão se traduz na velha ilusão moderna do desejo do homem em impor seu domínio sobre o mundo, querendo crer que tudo pode ser

conhecido por meio da ciência positiva e controlado pela tecnologia. Trata-se de um modo de desvelamento dominante que torna todos os entes, inclusive o homem, objetos passíveis de serem estudados, medidos, calculados e, porque não dizer, controlados. Devemos lembrar que “[...] a essência da técnica não é absolutamente nada de técnico [...]” (HEIDEGGER, 2001, p. 9). Essa essência é o poder que nos faz, misteriosamente e, sobretudo, ilusoriamente, querer calcular e procurar ter controle sobre o movimento da existência.

Em nosso fazer cotidiano, toda a atividade do homem parece afinada por um único diapasão totalitário: a razão tecnológica. Por todos os lugares, ela é a referência do progresso material, do avanço do desenvolvimento, do crescimento econômico e social de um povo. Obter, transformar, acumular, repartir e comutar são os modos de desvelamento da técnica moderna que tem o controle e a segurança como suas características principais. Se para a ciência do século passado, como bem nos mostra Dunley (2005), os objetos ainda eram visados como certa neutralidade pela curiosidade de conhecer, hoje em dia tudo é disposto a priori no horizonte de sua possível utilização. Bruseke (2001), a partir do questionamento da essência da técnica, afirma que o sujeito moderno, determinado pela representação e pela vontade, é essencialmente o sujeito do cálculo, o qual, em meio as institucionalizações dos esforços sistemáticos de conhecer e controlar do saber científico, reproduz inevitavelmente a lógica de colocar todos os entes como fundo de reserva para conveniência de um determinado uso. Para Pasternak (2001), os enrijecidos territórios da fragmentação científica não se abrem a novas reorganizações cognitivas, permanecendo na estreiteza da razão fechada.

Este quadro configura uma tendência ao empobrecimento do pensamento, visto que o pensamento dominante se mostra como um pensamento representacional e calculante. Apoiando-se na sua capacidade de atingir resultados considerados “práticos”, criam-se determinados mecanismos de produção de subjetividade baseados numa sociedade de controle onde nada lhe escapa ou pode escapar. Desta maneira, impõem-se formas de ser, estar, agir e pensar que marcam as formas atuais de adoecimento, onde os sujeitos encontram-se desprovidos de uma tradição que os acolha e os ampare nas transformações das interações da vida humana na cotidianidade (HUSSERL, 2008).

De acordo com Struchiner (2007) a grande importância e expectativas depositadas no campo da ciência, ou melhor, a crença resoluta na objetividade e respostas assertivas e verdadeiras da mesma, levou ao que Husserl (2008) chamou de Crise das Ciências Europeias. A referida autora resgata, com excelência, uma lembrança que precisa nos ser muito cara na atualidade: o fato de que toda essa discussão de outrora sobre a crise das ciências nunca esteve ancorada em teias e enredos sobre avanços, descobertas ou progressos, mas sim, de forma incontestável, na questão fundamental do sentido. Precisamos nos interrogar, sobretudo, no contexto contemporâneo que torna a ciência palco de acolhimento dos seus maiores anseios, expectativas e temores, o quanto este diapasão totalitário científico e tecnológico pensa a vida e as condições humanas sem verdadeiramente aproximar-se de ambas. Assistimos a um distanciamento real entre a ciência e as próprias questões da vida, que a ciência pretende substituir no falar e apresentar soluções. Neste ensaio, pretendemos levantar e tematizar exatamente a emblemática promessa da ciência como salvadora, que constrói um enredo e um imaginário coletivo quase mítico (DANTAS, 2014).

Uma promessa que, para as reflexões das escolas fenomenológicas, nos afasta do mundo cotidiano tal como ele se mostra e nos convoca. A ciência em desacordo com nossa própria condição de humanidade, parece carecer de força coletiva e resolutividade. Assim, para Struchiner (2007, p. 3), “o que Husserl critica não é a atividade científica propriamente dita ou os resultados desta atividade. A ele interessa denunciar o desvio objetivista da

razão: é preciso recuperar o sentido do humanismo e a dimensão ética da vida. Assim, é preciso resgatar o mundo da vida (*Lebenswelt*) enquanto mundo espaço-temporal que serve de palco, horizonte ou fundo para todas as nossas vivências – inclusive para a ciência, que é uma das vivências humanas. Portanto, é o mundo-da-vida que dá sentido à própria ciência”. No entanto, o mundo da vida encontra-se esquecido pela naturalização dos resultados científicos, ou seja, pela ideia de que tudo é passível de explicação científica.

O nosso viver contemporâneo, gradativamente, foi escrito e desenhado por modos de ser e estar orientados pelo saber científico. Estamos destacando aqui que a ciência não apenas traz avanços, mas constrói estilos de vida e respostas imediatas para todo e qualquer desconforto psíquico, físico ou social. Não estamos com essa discursividade realizando uma crítica gratuita ou arbitrária ao saber científico, mas, sim, estamos convocando a uma reflexão de um campo que pensa sobre o viver contemporâneo, mas não se aproxima do mesmo. Pensa com lentes pragmáticas e se distancia das enunciações de sentidos que evidenciam as experiências vividas. São experiências no mundo fundante que, necessariamente, aproximam-nos da dor, da vulnerabilidade, do significado, do sofrimento e de todo sentido que damos à nossa realidade. São experiências necessárias para um reencontro da ciência com a vida humana.

Lidamos com a realidade empobrecida do mundo científico e assim nos distanciamos do ser. Lidamos com o panorama de tecnificação da vida (DANTAS, 2014), que tem, como consequência, a própria aniquilação do ser do homem enquanto existente. Por acepções husserlianas, referimo-nos à redução das construções humanas, por suas ações e sentidos, aos objetos da cíclica lógica capitalista de (re) produção e consumo. O conhecimento, outra via do esclarecimento humano, torna-se receituário para as utilidades humanas. Logo, a redução e o estreitamento das possibilidades humanas sintonizam-se com um mundo que necessita transformar as possíveis alternativas de existir em topografias e padrões de estética passíveis de comercializar. Ao resgatar a importância crítica de Husserl, Pizzi situa que sua fenomenologia trata

[...] de um diagnóstico filosófico da sociedade atual, mas também uma tentativa que pretende relacionar a atitude ética à dimensão política e, desse modo, integrar os diversos contextos do *Lebenswelt* a uma racionalidade capaz de assegurar uma crítica que impulse o interesse da razão na independência e maturidade, na autonomia da ação e libertação do dogmatismo (PIZZI, 2006, p. 161-162).

Trata-se de pensar sobre a racionalidade científica e sobre a própria tendência das ciências naturais de se constituírem como critério único de verdade bem como sobre o modo com que a ciência se relaciona com o mundo estabelecendo um olhar que busca mensuração, controle e domínio. Olhar este que provém e perpassa toda a tradição metafísica do ocidente, desde Platão e Aristóteles até o desvelamento do sujeito pensante de Descartes que é o fio condutor para a ciência moderna.

## Entre a subjetividade e o ser

A posição que a fenomenologia ocupa dentro da história da filosofia alcançou os propósitos e o interesse que Husserl, seu fundador/criador, estabeleceu para sua constituição. A fenomenologia como o último grande projeto filosófico de um pensamento transcendental, enquanto método e teoria que viabilizassem os caminhos para as compreensões das estruturas fundamentais da experiência humana a partir do qual se viabilizaria a construção racionais dos sentidos e significados a partir das quais as

ciências poderiam desenvolver suas explicações do mundo, respectivamente (OLIVEIRA, 2012). Husserl procura oferecer a filosofia, condições epistemológicas pelos quais os filósofos possam exercer seu labor cognoscível, onde a própria filosofia possa reconstituir seus estatutos de um conhecimento fundante, ou seja, a reconquistar a sua independência metodológica, quando estabelece quais os tratamentos tanto para sujeito quanto para os objetos precisam ser submetidos: o método fenomenológico da época e reduções.

Assim, estão contidos na fenomenologia todos os conhecimentos eidéticos (cuja validade, portanto, é geral e incondicional) com os quais se dá resposta aos problemas radicais acerca da 'possibilidade' de quaisquer presumíveis conhecimentos e ciências. Como fenomenologia, aplicada, ela faz, portanto, a crítica que afere o valor último de toda ciência em sua especificidade de princípio e, com isso, realiza, em particular a determinação última do sentido do 'ser' dos objetos e a clarificação do princípio do método dessa ciência (HUSSERL, 2006, p. 141).

Por outro lado, a Fenomenologia também se constitui como uma teoria histórico-filosófica que se volta sobre as condições teleológicas das ciências modernas, especialmente sobre o vazio existencial vivido pela humanidade, quando os indivíduos se distanciam das certezas e evidências de suas experiências pessoais e cotidianas para reproduzirem suas existências enquanto manualidades de um mundo concebidos pela sua naturalidade (PIZZI, 2006). Especificamente, Husserl fora um árduo crítico do quanto o pensamento positivista, para além de uma epistemologia, tornou-se um parâmetro de sociabilidade entre os indivíduos, de modo especial, para modo de construção de suas relações sociais, culturais e inter-humanas. Sobretudo, quando em nome da valorização da objetividade/objetivismo reclamada pelas ciências modernas, estabelecidas pelos critérios do que seja pela ordem da natureza, abdica-se todas as questões relativas a subjetividade (HUSSERL, 2008).

Por essa ordem, Husserl situa a subjetividade como interesse primaz da Fenomenologia. Resgata-la enquanto objeto filosófico não significa cair nas armadilhas de um personalismo ou subjetivismo, como acusaram as ciências modernas, mas significa tematizar os fundamentos cognoscíveis pelas quais qualquer conhecimento humano ganha contorno, sobretudo quando a materialidade de nossa objetividade ganhar dimensões pelas implicações e condições de nossa experiência subjetivamente articulada com o mundo. Ou seja, quando nossa ciência do mundo é reflexo da consciência da experiência.

O ponto de partida é necessariamente o objeto "simplesmente" dado; daí a reflexão remonta ao modo de consciência correspondente e aos horizontes de modos potenciais implicados nesse modo, depois aos outros de uma vida de consciência possível, nos quais o objeto poderia apresentar-se como o mesmo (HUSSERL, 2001, p. 68).

Enquanto última grande teoria moderna, mesmo com as inovações metodológicas das reduções, a fenomenologia husserliana manteve-se fiel a crença da razão humana, sobre a ótica da consciência enquanto via de inteligibilidade da filosofia. Nesse sentido, a consciência e a subjetividade permanecem como meios e fins, respectivamente, da Fenomenologia, a qual seus interesses ontológicos de compreensão da experiência humana encontram-se alicerçados pelo quanto nossa (cons) ciência estão alicerçado subjetivamente na nossa razão.

Heidegger (2002) ao recusar a centralidade da investigação epistemológica pela via da consciência intencional e da subjetividade transcendental, indo ao encontro de uma investigação de caráter ontológico sobre o próprio sentido do ser. Neste sentido, coloca-se em cena uma fenomenologia hermenêutica, voltada à compreensão e interpretação do ser. Evidencia-se, no pensamento husserliano que, enquanto base de toda ciência rigorosa, a fenomenologia volta-se para a intencionalidade da consciência como doadora de significados e de conhecimentos verdadeiros, ou seja, como lugar no qual o sentido das coisas mesmas se desvela. O movimento de Heidegger com sua fenomenologia hermenêutica debruça-se sobre a investigação do ser da consciência intencional, ou melhor, das chamadas estruturas ontológicas que constituem o Dasein. Este não é tomado como uma interioridade ou subjetividade transcendental destituída de mundo, pelo contrário, sua possibilidade ou significância reside exatamente em sua co-originariedade com o mundo. O Dasein é, essencialmente, ser-no-mundo. Oriundo das inspirações do projeto husserliano, Heidegger trabalha com o interesse do método fenomenológico, qual seja, de retornar às coisas mesmas. No entanto, vale frisar que, enquanto para Husserl esta máxima envolvia investigar os objetos intencionais que aparecem para a consciência, para Heidegger a tarefa máxima da filosofia consistia no fenômeno do ser, ou seja, o próprio fenômeno como velamento.

### A técnica e o mundo da vida

Heidegger (2001), retomando o sentido original do termo “técnica”, elucida que a palavra advém do termo grego “techné”, que era considerada não somente como um fazer manual, mas era também utilizada para as artes e a poesia. Na ideia de techné está, portanto, o permitir que algo possa vir à luz. O modo de desvelamento da techné grega pertence à poiesis, enquanto produção que “deixa aparecer” o que se oculta, enquanto o modo de desvelamento da técnica moderna por meio da provocação torna os objetos disponíveis para uso, transformação e consumo. Iluminados por estas considerações como podemos pensar a naturalização da vida a partir da técnica moderna?

A ciência contemporânea, regida pelo capitalismo, cria um sistema normatizado da vida humana através de dispositivos jurídicos e burocráticos que visam à imposição das formas e normas de viver. Segundo Habermas<sup>1</sup> (1987), o mundo da vida encontra-se ameaçado por uma rede sistêmica que visa atender interesses políticos e econômicos de uma pequena classe econômica. Trata-se da capilarização da técnica na vida cotidiana que produz a desvirtuação das comunicações e interações linguísticas dos indivíduos nesse projeto político-econômico regido pelo capital. Tudo é referenciado por padrões comunicativos que visam determinar e instrumentalizar a intenção do homem de dominar a realidade objetivamente.

O mundo da vida torna-se uma reserva de matérias-primas com determinados fins. Todo o conteúdo do mundo deve estar disponível para ser medido e mensurado, a fim de ser objetivamente manuseado e administrado. Eventos constitutivos da existência humana também estão passíveis dessa administração, a fim de não atrapalharem o desenrolar desta lógica de exploração e dominação (HABERMAS, 1987). A condição histórica da vida humana, pela qual novas identidades são metamorfoseadas pelas relações dialética/dialógica entre homem e sociedade, encontra-se interceptada. Interpelados por ideias e padrões ditados pelas diferentes instituições sociais e econômicas em que passamos, enquadrados nossas individualidades a normas e expectativas sobre a eficiência e utilidade. De maneira sutil, vamos nos “adaptando” ao convencional, que nada mais é que o conveniente para os interesses de consumo do capitalismo contemporâneo, quando se naturaliza as exigências no mundo sem questionar suas

### 1

Habermas adentra nas nossas discussões por sua relevância contemporânea ao trazer os atuais diagnósticos sobre as novas formas de controle e administração do mundo da vida para os interesses e demandas do capitalismo. Mesmo que sua teoria apresente críticas aos pensamentos fenomenológicos, Habermas (2015) não se furta de reconhecer a potência crítica que reflexões husserlianas e heideggerianas oferecem quanto crítica da razão técnico-científica enquanto condição de possibilidade para construção das experiências humanas no contemporâneo.

consequências perversas para a condições de construção das individualidades (SOUZA FILHO, 2017).

Há uma tecnificação da vida (DANTAS, 2014), onde a indústria cultural oferece respostas para as angústias e os mais variados problemas, seja através do consumo, dos prazeres imediatos e da aceleração do tempo com inúmeras ocupações. As questões existenciais foram absorvidas pela lógica de mercado e suas soluções apresentam-se em remédios, roupas e performances as quais indicam a maneira “eficiente” e “prática” de resolução dos problemas que atravessam a vida na contemporaneidade. Esse olhar técnico sobre a vida transforma situações antes consideradas normais de serem enfrentadas durante a vida em episódios que merecem ser tratados e solucionados pragmaticamente, destituindo a faculdade crítica e reflexiva sobre a nossa responsabilidade para com nossa existência.

Esse modo tecnificante, como nos apresenta Sá (2002), parece migrar em direção ao corpo, reconfigurando-o, expandindo-o e transportando-o a partir de moldes previstos pelo capital, tornando subjetividades em objetos formatados e previamente testados pelas mais recentes químicas do mercado. O homem moderno entende a si e ao mundo na razão direta de sua capacidade de dominar e manipular o mundo e os outros homens. Não que esta manipulação não existisse antes, apenas ela não constituía nem o critério de determinação da identidade do homem nem a medida de sua liberdade. No entendimento moderno o homem é mais livre quanto mais ele domina. Nesse crescente processo de dominação e controle, Severiano (2006) afirma que os novos recursos tecnológicos ocasionaram repercussões nos processos de individuação humana e de formação dos vínculos sociais.

Assim, podemos considerar que a produção de saberes, práticas e discursos que enunciam os sentidos dos entes como meros objetos passíveis de controle, exploração e cálculo está fundada na técnica. A técnica como horizonte histórico de sentido onde seu único critério de verdade passa a ser seu valor operativo, por mais irracional ou despótico que possa ser. O ideal do Iluminismo, em que o objetivo da técnica era liberar o ser humano do jugo dos mitos, superstições e autoridades dogmáticas, com fins de emancipação e felicidade, converteu-se em um novo mito. A técnica transmuta-se em uma razão autoconservadora, cuja essência é a dominação, que se manifesta por meio da subordinação do indivíduo à totalidade do sistema social.

Temos, então, na época moderna um modo de desvelamento onde a valorização dos entes se expressa exatamente naquilo que deles podemos extrair, assim como no apelo frequente de viver com intensidade o momento, na preocupação exclusiva com o desempenho particular, no enfraquecimento dos vínculos interpessoais, na subordinação dos desejos aos ditames do consumo e do mercado. Neste contexto, ao pensarmos sobre a tecnificação da vida (DANTAS, 2014), não podemos deixar de refletir que estamos imersos num grande perigo: o esquecimento do ser em detrimento de uma representação do homem que se apresenta enquanto sujeito objetivante, imerso numa lógica instrumentalizadora das próprias relações humanas.

No horizonte histórico da técnica, território da familiaridade, previamente constituído por sentidos cristalizados e determinados, tudo o que escapa à mensuração, tudo o que põe em questão este projeto de dominação e previsibilidade, torna-se ameaçador. O homem contemporâneo é o homem da performance, da excelência, da beleza e da juventude. Assim como é o homem que não pode, ou melhor, não deve sofrer, chorar, temer, parar. O movimento, a pressa e o excesso marcam o homem imerso no horizonte da técnica e distanciado do mundo da vida, do mundo subjetivo e, em última instância, do mundo enquanto sentido. Isto porque o homem, na sua relação com o mundo, procura muito mais dominar, extrair, prever, do

que ser dele guardião. Em seus modos de relação, o homem, à medida que vai conseguindo assenhorar-se dos recursos tecnológicos, vai alimentando sua pretensão, ou melhor, sua ilusão de controle sobre o devir. O homem, então, passa a ter com o mundo uma relação de previsibilidade que, continuamente, lhe escapa, já que, a despeito de todo avanço tecnológico permanecemos sob a ilusão de controle da vida.

Desse modo, o mundo real, cotidiano, o mundo experimentado e experimentável acaba sendo substituído pelo mundo das idealidades matemáticas. A racionalidade unilateral busca sua fundamentação a partir da objetividade, metodicamente dominante, nas ciências positivas e que, estendendo sua ação para além das mesmas, procurou sustentabilidade e propagação a um positivismo filosófico e cosmovisional (PIZZI, 2006, p. 53).

A técnica é o progresso pelo progresso e o seu avanço desmonta o mundo. O mundo espontâneo da vida desaparece e deixa, em seu lugar, um mundo artificial, onde a técnica, a serviço do capital, domina a natureza. Na contramão das tentadoras tecnologias, dos produtos sedutores apresentados pela publicidade e das cartilhas que nos dizem como viver e o que fazer, queremos despertar no leitor um olhar para as possibilidades mais próprias da existência. Isto porque a diversidade de nossos afetos e afeições – que tanto queremos sufocar e esquecer até mesmo por meio da medicação – até segunda ordem, não passam da aceitação da vida tal como é: difícil, arriscada, cansativa, angustiante e incerta. O modo de pensar contemporâneo parece refutar tais considerações, marcando, através dos recursos tecnológicos e de pesquisas, a intenção de medir os riscos frente à vida e controlar o devir e a existência. O desejo de buscarmos o controle do que ainda está por vir, de só aceitarmos um futuro que se assemelhe às nossas expectativas, de não estarmos abertos ao inesperado, ao fracasso, à mudança de planos e horizontes, evidencia, segundo Dantas (2015), uma não apropriação do nosso modo de ser no mundo que se dá sempre em abertura.

Este universo que construímos, onde tudo nos parece familiar e rico em sentido, onde a previsibilidade e a lógica reinam soberanas, nos parece muito seguro, confiável e confortável. Nele, tendemos a nos compreender como mais um ente, possuidor de uma essência, dotado de características e propriedades estáveis, sempre possíveis de serem controladas e previstas. E assim, mesmo sem perceber, corroboramos com o projeto de previsibilidade, consumo e felicidade que marca o contemporâneo e se intensifica em nossos dias.

## O necessário retorno ao mundo da vida

Percebemos que Heidegger (2001) indica não o temor ou a recusa em relação à tecnologia, mas sim o cuidado com o seu predomínio imperialista, sua conversão em único modo de ser e que pode destruir tudo o que nos é mais próprio, a saber, o pensar. A visão cientificista do mundo desvitaliza e empobrece nossa possibilidade de reflexão e tematização sobre os nossos sentidos mais próprios, sobre nossa experiência vivida e, portanto, sobre nossa própria existência. No contexto da nossa sociedade atual, presenciemos uma busca insaciável por informação e conhecimento e, gradualmente, corremos o risco de nos dedicarmos mais a pensar e a falar sobre a vida, do que a vivê-la.

Faz-se necessário lembrar que todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo, da qual ela é expressão segunda. Ou

seja, a ciência é construção humana, idealizada como meio para manutenção do fortalecimento, não devendo o homem reduzir-se a um meio/instrumento para engrandecê-la. Em meio a um cenário onde nossa sociedade endeusa fórmulas, tem sede de receituários, apresenta uma busca incessante por princípios médicos e verdadeiros sobre seu modo de viver, torna-se inegável a dificuldade de um clamor pela vida por tudo que a constitui. Na verdade, o caminho de reencontro da ciência com o mundo da vida se viabiliza quando a mesma não se apresenta como único discurso verdadeiro ou como caminho para normatizar pessoas ou comportamentos. O reencontro implica na redescoberta do próprio devir existencial. Essa aproximação nos leva a um mergulho no campo do singular que, de forma resoluta, nos faz questionar os olhares distantes, frios e, por vezes, padronizados da ciência. Se a ciência é feita por homens, que ela também seja feita para homens. Que a ciência não seja campo de respostas e adequações, mas, antes de tudo, campo de reflexões e construções subjetivas de legitimação da vida humana. “Trata-se, em última análise, de lembrar à ciência de onde ela vem e do que, afinal, ela está falando” (STRUCHINER, 2007, p. 6).

Segundo Goto (2008), em meados do século XX, na maturidade de seu pensamento transcendental, Husserl (2001) apontava a silenciosa crise cultural em que a humanidade moderna se encontrava com a maciça dominação da perspectiva cartesiana de responder à vida e ao mundo por seu paradigma experimental, natural, material e objetivo. Para Husserl (2001) “é verdade que, após terem se desenvolvido de forma brilhante durante três séculos, essas ciências se veem hoje bloqueadas em seu progresso pela obscuridade que reina em seus próprios fundamentos.” (p. 21). Tal situação reverbera na produção cultural de uma sociedade destituída de valores éticos e políticos que fundamentem a cultura humana em princípios regulatórios de bem comum de seus partícipes atuais e futuros.

As reflexões husserlianas são atuais e vivas para os críticos e inquietos espíritos preocupados com atuais condições existenciais e, concomitantemente, o projeto humano que desenvolveremos para o futuro. “Voltar-se às coisas mesmas”, lema caro da atitude fenomenológica de investigação, inspira-nos a necessidade de retornar ao mundo da vida no qual estamos e somos mais próximos da facticidade de nossa humanidade. Tal perspectiva é reflexo da necessidade de atitudes críticas para com a nossa cultura atual fascinada pelo diapasão da racionalidade tecnológica e seus benefícios práticos e rápidos, todavia destituídos de uma vivência significativa e estruturante do projeto de vida humana no mundo.

Assim, como praticantes da ciência psi, especialmente inquietos com o fascínio da racionalidade técnica e impulsionados pela crítica fenomenológica, convidamos a comunidade interessada na renovação cultural a também voltar-se à potencialidade criativa e presentificadora do viver no mundo da vida. Convite onde necessariamente precisamos reconhecer a presença e o emprego inevitável da técnica em nosso mundo cotidiano, mas, sobretudo, precisamos resgatar vivências e narrativas, horizontes de sentidos mais próprios e, em última instância, a possibilidade de singularização da existência que se afasta do horizonte familiar propiciado pelas verdades científicas e se aproxima do julgo de nossas incertezas e na confrontação com nossas escolhas e condição inerente de liberdade.

Isso implica no afastamento da mitificação da técnica como um modo de saber superior, mais verdadeiro e naturalmente necessário. Implica no reconhecimento da existência em todo seu caráter de indeterminação.

## Sobre o artigo

Recebido: 10/03/2021

Aceito: 12/05/2021

## Referências bibliográficas

AGUIAR, A. A. **Psiquiatria no Divã: entre as ciências da vida e a medicalização da existência**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

BRUSEKE, F. J. **A técnica e os riscos da modernidade**. Florianópolis: Editora UFSC, 2001.

DANTAS, J.B. **Tecnificação da Vida: uma discussão sobre o fenômeno da medicalização na contemporaneidade**. Paraná: Editora CRV, 2014.

DANTAS, J. B. Medicalização e Devir: impasses existenciais na Era da Técnica. **Fenomenologia e Psicologia**, v. 3, n.1 p. 12-28, 2015. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/fenomenopsicol/article/view/4149>. Acesso em: 10 nov. 2021.

DUNLEY, G. **A Festa Tecnológica: o trágico e a crítica da cultura informacional**. São Paulo: Escuta; Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GOTO, T. A. **Introdução à psicologia fenomenológica: a nova psicologia de Edmund Husserl**. São Paulo: Paulus, 2008.

HABERMAS, J. **Teoria de la accion comunicativa**. Madrid: Taurus, 1987.

HABERMAS, J. **Texto e contextos**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

HEIDEGGER, M. A Questão da Técnica. In: HEIDEGGER, M. **Ensaios e Conferências**. Petrópolis: Vozes, 2001, pp. 11-38.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2002.

HUSSERL, E. **Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia**. São Paulo: Madras, 2001.

HUSSERL, E. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura**. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.

HUSSERL, E. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à filosofia fenomenológica**. Lisboa: Centro de Filosofia Universitas Olisiponensis, 2008.

OLIVEIRA, M. A. **Antropologia filosófica contemporânea: subjetividade e inversão teórica**. São Paulo: Paulus, 2012

PASTERNAK, G. P. **A ciência: Deus ou diabo**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

PIZZI, J. **O mundo da vida: Husserl e Habermas**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

SÁ, R. N. A Psicoterapia e a questão da Técnica. **Arq. bras. Psicol.** Rio de Janeiro, v. 54, n. 4, p. 348-362, 2002. Disponível em: <https://app.uff.br/slab/uploads/texto41.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

SEVERIANO, M. F. V. **Consumo, narcisismo e identidades contemporâneas: uma análise psicossocial**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2006.

SOUZA FILHO, J. A. **A metamorfose humana no mundo da vida: reconstruções epistemológicas da perspectiva de identidade na psicologia social crítica**. 2017. 145f. Dissertação de Mestrado em

Psicologia. Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

STRUCHINER, C. D. Fenomenologia: de volta ao mundo-da-vida. **Rev. abordagem gestalt**. Goiânia, v. 13, n. 2, p. 241-246, 2007. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672007000200009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672007000200009). Acesso em: 10 nov. 2021.